

COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

O JORNAL *ÚLTIMA HORA* NO CENÁRIO DA IMPRENSA

PARANAENSE ÀS VÉSPERAS DO GOLPE DE 1964: ÉPICO DE UM APEDREJAMENTO

Alana Morzelli - alanamorzelli@ufpr.br (autorA)
Pietra Dissenha Hara; pietra.hara@ufpr.br (coautora)
Ana Clara Osinski - anaosinski@ufpr.br (coautora)
Ana Livia Barboza - anabarboza@ufpr.br (coautora)
Milena Hable - milena.hable@ufpr.br (coautora)
Nayara Tays de Almeida - nayaraalmeida@ufpr.br (coautora)
Thais de Castro Silva - thaicastro@ufpr.br (coautora)
José Carlos Fernandes - zeca@ufpr.br (orientador)

RESUMO

Em março de 1964, um grupo de estudantes secundaristas do Colégio Santa Maria, da Rede Marista, saiu em marcha pela Rua XV de Novembro, no Centro de Curitiba, Paraná, em direção de uma das sucursais paranaenses do jornal *Última Hora*, do publisher Samuel Wainer. A pequena loja do Edifício Asa, onde funcionava o UH, foi apedrejada pelos estudantes, evento que colaborou para a pilhagem do jornal de linha nacionalista, mas identificado por parte da população como sendo “comunista”. Ali trabalhavam alguns dos melhores jornalistas da cidade, como Milton Ivan Heller, Sylvio Back, Walmor Marcelino e Celina Luz – todos cerceados, a partir daí, no exercício da profissão. O episódio – recuperado por meio de uma dezena de entrevistas com ex-repórteres da casa e profissionais de imprensa em atividade no período, serve de prólogo para um projeto de pesquisa iniciado em 2012, na UFPR, ocupado de dissecar as relações entre imprensa paranaense e ditadura militar no país.

PALAVRAS-CHAVE

Jornal *Última Hora*; Imprensa e ditadura militar no Paraná; Repressão; Resistência política.

1. INTRODUÇÃO

O jornal *Última Hora* (UH), fundado em 1951 pelo polêmico jornalista de origem judaica Samuel Wainer, manteve uma sucursal em Curitiba entre os anos de 1959 e 1964. Foi uma passagem breve, mas deixou registro marcante na historiografia da imprensa regional, inclusive em função do encerramento da experiência, depois de um apedrejamento à sede do UH, às vésperas do golpe civil-militar de 1964.

Antes disso – prova de que o fechamento abrupto da sucursal forma um paradoxo – inovações gráficas e editoriais introduzidas pelo *Última Hora* angariaram leitores e causaram eco diante das práticas provincianas da imprensa local (Campos, 1993). A imprensa local se viu assaltada pelas táticas então inovadoras trazidas pelo “jornal de fora”, que tinha colunistas renomados como Nelson Rodrigues e Antônio Maria, fotos “estouradas” na primeira página e, como se diz no jargão, apelo popular.

Do ponto de vista editorial, o *UH* podia ser definido como nacionalista e trabalhista (Pereira, 2016; Hohlfeldt; Buckup, 2002). Nascido para dar apoio ao governo Vargas, o jornal que nos anos 1960 permaneceu fiel ao padrinho político, dando apoio ao presidente João Goulart – ligado ao trabalhismo – tinha uma relação pragmática com os governos que o criaram, alternando a proximidade e a autonomia editorial. Dialogava com as elites tanto quanto com a classe operária, essa atraída pela linguagem direta e acessível do periódico (Campos, 1993; Monteiro, 2020). A forma gráfica e editorial informava aos leitores que se tratava de um veículo progressista, de oposição de setores conservadores e heroico no enfrentamento à política tradicional (Monteiro, 2020). Numa flagrante contradição, reside nessa fórmula parte de seu êxito e de seu ocaso.

É consenso que o *UH* conquistou leitores na conservadora capital paranaense graças à eficiência da cobertura esportiva, policial e do colunismo social. E ao bom relacionamento com o público, com a promoção de concursos e premiações (Monteiro, 2020; Wainer, 2005; Pinheiro Júnior, 2011; Pereira, 2016). Paralelo, atraía jornalistas respeitados para suas fileiras, também em função dos bons salários. Em Curitiba, a redação do *Última Hora* abrigou expoentes do jornalismo local, a exemplo de Walmor Marcelino, Celina Luz, o então futuro cineasta Sylvio Back, Milton Ivan Heller, Luiz Geraldo Mazza e Adherbal Fortes de Sá Júnior. Em terras paranaenses, contudo, a receita teve prazo de validade. À revelia de o *UH* ter a assombrosa – para a época – tiragem de 40 mil exemplares, o equivalente a 200 mil leitores, numa cidade de 300 mil habitantes, o descontentamento de setores conservadores da sociedade curitibana levou ao apedrejamento e fechamento do jornal, no mês de março de 1964.

De acordo com depoimentos orais e fontes da mídia impressa, cerca de duas semanas antes do golpe militar de 1964, cerca de 200 estudantes secundaristas destruíram a redação do jornal. Dentre os resultados do episódio estão o fechamento da sucursal, a interrupção da carreira de seus jornalistas e processos judiciais contra os repórteres. Os talentos do *UH* se dispersaram ou para trabalhos alternativos – Milton Ivan Heller chegou a vender livros de porta em porta; e Walmor Marcelino se empregou numa loja de ferragens – ou para a imprensa alternativa, inclusive conservadora, como o jornal ligado à Cúria Metropolitana, *A Voz do Paraná*.

O episódio do apedrejamento – cercado de controvérsias – se presta a tensionar a propagada crença de que o jornalismo paranaense foi “chapa-branca” e que teria se calado diante das práticas da ditadura instalada em 1964. A partir da pilhagem do *UH*, táticas de resistência se deram antes mesmo do endurecimento do regime, com o AI-5, em dezembro de 1968.

Esse cenário de recusa do autoritarismo, censura e controle instalados em 1964 é estudado desde 2012 pelo grupo de pesquisa “Jornalismo e Ditadura Militar no Paraná”, vinculado ao Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Utilizam-se para tanto metodologias como história oral, entrevistas em profundidade e análise de conteúdo, de modo a documentar a atuação dos jornalistas e dos veículos em atividade na capital paranaense a partir de 1964.

Entre os anos de 2023 e 2025, um projeto de iniciação científica vinculado ao grupo de pesquisa concentrou-se na análise da produção, circulação, recepção e fechamento da edição curitibana do *UH*, além de investigar a destruição de sua sede e o encerramento das atividades. Nesse período, foram realizadas entrevistas com jornalistas que atuaram no *UH* ou que acompanharam de perto sua trajetória, incluindo Luiz Geraldo Mazza, Adherbal Fortes de Sá Júnior, Walter Schmidt, Hélio de Freitas Puglielli, Luiz Renato Ribas, Miecislau Surek e Sylvio Back e Nelson Padrella. Está prevista uma nova rodada de entrevistas com profissionais identificados como remanescentes do período, como Roberto Muggiati, José Kalkbrenner Sobrinho, Constantino Viaro, Francisco Camargo e Oscar Volpini. Todos atuaram ou no *UH* ou em jornais que circulavam no mesmo período.

Os resultados preliminares da pesquisa indicam que o *UH* Curitiba superava a tiragem de seus principais concorrentes, como *Gazeta do Povo*, *Diário do Paraná*, *O Estado do Paraná* e *O Dia*. Ainda que a linha política do jornal encontrasse resistência em boa parte dos círculos da capital paranaense, a qualidade editorial garantia a adesão do público leitor (Sá Júnior; Surek, 2023; Puglielli, 2024). Com base nesses procedimentos, concluiu-se que: 1) Inovador, o *UH* alterou as práticas gráficas e editoriais da mídia brasileira nos anos 1950 e 1960. Paralelo à identidade popular, o jornal desenvolveu uma estética moderna, com linguagem acessível, tornando-se uma referência na cobertura jornalística (Fernandes, 2014)

2. METODOLOGIA E RESULTADOS

A pesquisa sobre a edição local do jornal *Última Hora* segue três encaminhamentos metodológicos: 1) **História oral**: entrevistas em profundidade com ex-jornalistas do *UH* e pesquisadores do tema, registrando suas memórias sobre a rotina do jornal, seu impacto na sociedade e o evento do apedrejamento; 2) **Análise de conteúdo**: aplicação da "leitura flutuante" (BARDIN, 2016) sobre as edições digitalizadas do jornal na Biblioteca Nacional, observando padrões editoriais e discursivos, bem como o impacto das coberturas jornalísticas na opinião pública da época; 3) **Pesquisa bibliográfica**: o conjunto de obras analisadas inclui: *Resistência democrática – a repressão no Paraná* (1988) – Milton Ivan Heller, *Memórias de 1964 no Paraná* (2000) – Milton Ivan Heller e Maria de Los Angeles G. Duarte, *O que é isso companheiro?* (2009) – Fernando Gabeira; *Minha razão de viver* (2005) – Samuel Wainer; *Samuel Wainer: o homem que estava lá* (2020) – Karla Monteiro, *A Rotativa Parou: os últimos dias da Última Hora de Samuel Wainer* (2009) – Benício Medeiros, *Curitiba no Tempo do Jazz Band* (2017) – Adherbal Fortes de Sá, *Nos tempos de Wainer: a Última Hora de Samuel* (1993) – Anderson Campos (organizador) e *O dia que durou 21 anos* (2012) – Camilo Tavares (longa-metragem).

Foram realizadas entrevistas com jornalistas e pesquisadores que vivenciaram ou estudaram o *UH*. Os resumos de cada entrevista estão a seguir:

- **Walter Schmidt (2022)**: é contemporâneo ao *Última Hora*, com uma carreira construída nos movimentos sociais, e passagens pela *Gazeta do Povo* e

jornal *Panorama*. É também bastante interessado no *UH*, coleciona fragmentos de história da imprensa paranaense para fins biográficos. Schmidt (2023) descreve o periódico como “um jornal revolucionário, um marco na imprensa brasileira”. Pelo respeito aos jornalistas, pela modernidade gráfica, pela ousadia, pelo fato de dar voz à população, às pessoas”. Também reforçou a postura sindicalista. A novidade ficou por conta da diagramação que valorizaria a cobertura nacional, em detrimento da internacional. O jornalista também contradiz o que afirmou Adherbal Fortes de Sá Júnior, ao se referir ao *UH* como um jornal que não se vende.

Schmidt (2023) afirmou que o governador da época, Ney Braga teria pago ao periódico para ganhar uma cobertura positiva. Também confirmou a estratégia de venda e o sistema ágil de distribuição nas próprias bancas de jornal. Outra adição, é a informação que a *UH* pagaria mais aos jornalistas do que outros periódicos da época, além de que teriam apoiado a greve de 1963. Quanto à ideologia do *Última Hora*, Schmidt (2023) o qualifica como um jornal “populista, mas que tinha a pecha de ser jornal comunista porque tinha a coluna sindical, que apoiava as causas populares e criticava muito a prefeitura”. O comunismo era relacionado ao *UH* pelo apoio político a João Goulart e Getúlio Vargas. Segundo o entrevistado, boa parte da equipe era filiada ao Partido Comunista. O periódico teria puxado também o leitor curitibano mais politizado, com uma boa cobertura política e espaço para furos jornalísticos. Quanto ao apedrejamento, Schmidt (2023) não presenciou o episódio, mas acredita que ele ocorreu, pelos noticiários e movimentação que lembra ter visto naquele dia.

- **Adherbal Fortes de Sá Júnior (2022):** Advogado de formação, atuou no *Última Hora* em dois momentos distintos: em 1960, com retorno a partir de 1962. Também colecionou passagens pelos principais periódicos da época, como o *Diário do Paraná*, *O Estado do Paraná* e a revista *Panorama*. Após o fechamento do *UH*, o jornalista sofreu as consequências da perseguição política: foi proibido de atuar no serviço público, enquadrado pelo Ato Institucional n.º

2. Anterior à ditadura, fez parte do sindicato que protagonizou a greve dos jornalistas no Paraná, em 1963, como segundo secretário. O *UH* teria, inclusive, incentivado a greve, com o fechamento de portas da redação durante todo o período revolucionário. Quanto ao posicionamento do jornal, Sá Júnior (2022) o qualifica como “um jornal de esquerda em um mundo onde todos os jornais estavam mais ao centro ou até bem à direita”. O jornal teria chegado inclusive a abrigar a sede da Associação dos Professores do Paraná (APP-Sindicato), o que confirmaria uma postura sindicalista. Em maio de 1964, o posicionamento editorial do *UH*, em frente da tensão política que fervilhava com a organização do golpe militar, iria culminar em uma represália organizada pelo irmão Albano, fundador da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR).

Cerca de 200 a 300 estudantes secundaristas do Colégio Santa Maria teriam marchado o centro em direção ao Edifício Asa, nas cercanias da Praça General Osório, onde ficava localizada a redação do jornal, e atirado pedras (Sá Júnior, 2022). Além de confirmar o episódio, o entrevistado ainda adiciona a participação de estudantes de outros colégios, como o Bom Jesus, no apedrejamento. Os manifestantes também teriam mantido o canto de guerra: “comunistas do *Última Hora*”. O fechamento do *UH*, alguns meses após o ocorrido, levou ele e outros jornalistas a serem interrogados, mas sem a proporção das torturas: “Dá para falar, que o Castelo [Branco] foi o menos autocrático dos ditadores. Então, de maneira geral, ninguém do *Última Hora* sofreu violência, mas todos tiveram problemas, logicamente” (Sá Júnior, 2022).

Quanto à contradição do acolhimento de Curitiba e depois potencial represália, Sá Júnior qualifica o *UH* como um jornal que passava “em branco” devido à qualidade da cobertura, sobretudo das colunas sociais e editoriais esportiva, com foco no campeonato de várzea (suburbana) e policial. As colunas, inclusive, aproximavam o periódico do leitor, com o retrato do curitibano médio. Um jornal que “não se vendeu” aos órgãos públicos, como a prefeitura, e que mantinha um jornalismo focado na história, semelhante a revista *The New Yorker*. Adherbal confirmou a circulação de 40 mil exemplares diários, uma tiragem invejável para os concorrentes da época, sobretudo a *Tribuna do*

Paraná e a Gazeta do Povo. O público era potencialmente a classe média letrada. A lógica da distribuição também foi um ponto de destaque da entrevista. Júnior (2022) a descreveu como organizada, o que teria possibilitado o aumento da circulação na capital paranaense, distribuída diretamente nas bancas de jornais e comércios locais. “Às seis horas da tarde, o Paraná inteiro tinha a *Última Hora*” (Sá Júnior, 2022).

- **Luiz Geraldo Mazza (2023)** O jornalista Luiz Geraldo Mazza colaborou com o *Última Hora* em dois períodos, primeiramente no ano de 1959 e, voltando posteriormente, deixou a sucursal curitibana no ano de 1963, antes do incidente do apedrejamento que levaria ao fim do jornal. Mazza chegou a atuar como chefe de redação do jornal e escreveu uma coluna sobre assuntos de interesse popular. Para ele, inclusive, essa interação com o público é o que fazia do jornal tão popular, além de seu apelo estético, já que era um jornal atraente visualmente falando (Mazza, 2023). Quanto aos ideais políticos do jornal, muitas vezes destacado pelos entrevistados, Mazza afirma que havia um clima ideológico de esquerda, já que o jornal buscava trazer o drama das minorias e apreciava tecer críticas aos assuntos que envolviam a burguesia da cidade, mas que haviam poucos comunistas no jornal, grande parte era composta por o que o jornalista denominou como livres atiradores. Sobre a questão do apedrejamento, Mazza declara que “Já era uma coisa esperada, nós éramos ameaçados fisicamente e por mensagem e isso ia acontecer.” (Mazza, 2023). Conta que o movimento era muito bem organizado. Além disso, chega a mencionar que os manifestantes arremessaram fezes contra a sede do jornal.
- **Luiz Renato Ribas e Miescislau Surek (2024):** O jornalista Miescislau Surek trabalhou na *Última Hora* em Curitiba entre junho de 1963 e maio de 1964 e esteve presente no dia do apedrejamento à sede da sucursal curitibana. O também jornalista e publicitário Luiz Renato Ribas, que viveu o período de circulação do jornal em Curitiba, afirma que o *Última Hora* foi um pioneiro em inovação. Alguns fatores levantados foram a alta circulação em comparação aos concorrentes, ao ter duas ou três vezes as edições nas bancas no mesmo dia, algo

inédito até então e a diagramação, que foi uma técnica pioneira no período. Os jornalistas, diferente do que outros entrevistados afirmam, consideram que a parte esportiva era pequena, principalmente em comparação com o forte enfoque policial muito abordado. Durante o depoimento, ambos afirmam que o jornal era fortemente financiado pelo então ex-presidente Getúlio Vargas, fato já confirmado pela pesquisa, e por esse fato possuía ideais alinhados com o getulismo. Mas, de acordo com os mesmos, pelo senso popular, o jornal *Última Hora* seguia a ideologia comunista. “Era odiado pelas facções que não gostavam dos “comunas”. Porque o Ronaldo era comunista. Curitiba sempre foi conservadora. Diante das migrações que existem, o espírito europeu é mais conservador, evidente.” (Ribas, 2024).

Outra inovação, citada por Surek, era o aspecto financeiro do jornal. O *Última Hora* pagava salários 30% superiores à média de mercado, algo incomum, e sendo assunto que levou a uma greve em outros jornais que reivindicavam maiores salários em 1963. O jornalista também cita a venda de pautas para rádios locais, como a rádio paranaense Ouro Verde (Surek, 2024), o que demonstra aceitação aos assuntos tratados no veículo.

A respeito da ditadura, Surek comenta que foi fichado pelo Dops (Departamento de Ordem Política e Social) pelo seu trabalho na sucursal e Ribas cita o caso de seu colega de profissão Emílio Dutra, que foi torturado durante o regime militar. A respeito do apedrejamento da sede do jornal *Última Hora* em Curitiba, Surek afirma estar no dia do ocorrido. Onde estudantes da rede Marista apedrejaram da sede do jornal enquanto os jornalistas trabalhavam em seu interior. “Então, eu levei pedrada. Pelo vidro no edifício Asa. Era na sobreloja, a gente tinha o mezanino. Tinha um negócio todo. Tava lá o mezanino e eu recebia pedrada no rosto. Radicalismo dos caras, os padres que jogavam os alunos ali... Os maristas, para poder atacar os comunistas lá.” (Surek, 2024).

- **Hélio Puglielli (2024):** Jornalista e professor aposentado da Universidade Federal do Paraná, Hélio Puglielli dá início à sua entrevista falando sobre sua relação de trabalho com o **UH** Curitiba. Era freelancer, ou seja, não pautava, era pautado. Uma das primeiras pautas que recebeu no jornal tratava da proibição do romance *Doutor Jivago*, de Boris Pasternak, na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Hélio fez uma espécie de fala povo, perguntando para a população da cidade sobre a censura, e a maioria, de acordo com o jornalista, se manifestava contrária. Quando perguntado sobre a Curitiba dos anos 1960, Hélio diz que era menor e mais “calorosa”.

Era comum encontrar conhecidos enquanto passeavam pela Rua XV que, na época, ainda não era exclusiva para pedestres. A cidade, no entanto, era bastante conservadora, com uma forte presença integralista, mesmo em setores da imprensa, em especial no *Diário do Paraná*. Havia, também, os nacionalistas, que seriam representantes da esquerda. O único momento em que o Hélio se refere ao **UH** como “comunista” é quando o jornalista parafraseia as pessoas que apedrejaram o jornal. E ainda complementa com um “entre aspas”, como quem diz que de comunista o jornal não tinha nada. Há uma relação aqui: para Hélio, o **UH** é nacionalista, mas, para as massas conservadoras da época — desde Lacerda, da *Tribuna da Imprensa*, até o irmão Alban, do Marista, que foi quem coordenou o empastelamento —, era comunista, e por isso foi apedrejado. Quanto às ditas inovações editoriais do jornal, Hélio cita uma história interessante, o “segundo clichê”, que era uma reedição do jornal com novas notícias para cobrir o tempo de desvantagem que o **UH** levava em relação aos outros jornais da cidade para ser impresso em São Paulo. Sobre inovações gráficas, Hélio atribui o surgimento da diagramação na imprensa paranaense ao *Diário do Paraná*. De acordo com Hélio, “Na imprensa paranaense, por exemplo, diagramação era algo desconhecido. Os próprios tipógrafos é que montavam a página. Não havia uma diagramação prévia. Então, o *Diário do Paraná* foi pioneiro. Ele trouxe diagramadores argentinos.

Trabalhavam com a prensa lá em Buenos Aires. Foram eles que introduziram a diagramação no Paraná”.

- **Sylvio Back (2024):** O cineasta, escritor, roteirista e jornalista Sylvio Back atuou na Última Hora curitibana entre os anos de 1963 e 1964, até o golpe civil-militar que também ocasionou o fechamento da sucursal da capital paranaense, escrevendo na coluna de variedades “Por trás da Cortina”, que mesclava entre suas publicações textos com temas desde cinema até política e acontecimentos locais. Back afirma que a vinda do jornal à Curitiba trouxe inovações para uma imprensa local já estruturada e cheia de jornais oligárquicos e conservadores. “A Última Hora foi, digamos assim, um brilho dentro do jornalismo paranaense. Ela trouxe, na época que nos anos 1960 e pouco até o golpe do Estado de 64 é havia um jornalismo pujante em Curitiba (...) uma inserção inédita na na imprensa paranaense”.sentencia (Back, 2024). O jornalista afirma que o público curitibano considerava a *Última Hora* um periódico de esquerda com uma redação comunista, pois recebia ligações frequentemente acusando essa característica em seus textos e em todo o jornal, por mais que nunca se relacionou diretamente ao comunismo (Back, 2024). Back também relaciona o atentado que quebrou as janelas da redação no Edifício Asa aos ataques e alegações dos curitibanos que conectavam o jornal a um centro de concentração de “esquerdistas” em Curitiba. Sylvio Back apenas relacionou o fim do jornal com o início da ditadura, mas não discorreu sobre o assunto.

3) CURITIBA E UH NOS ANOS 60: O QUE ELES DIZEM

Durante as entrevistas, a fim de reconstituir as relações entre Curitiba, imprensa e ditadura, pedimos aos jornalistas que descrevessem a cidade. Para Hélio Puglielli, a cidade era, evidentemente, menor. Há, em Curitiba, a rua XV de Novembro, que corta o centro da cidade pela Praça Osório, onde era localizada a redação do *Última Hora*, até a praça Santos Andrade, onde fica o Prédio Histórico da Universidade Federal do Paraná (UFFPR). A rua, que sempre funcionou como um centro comercial, hoje é exclusiva para pedestres, mas, nos anos 1960, não. Mesmo assim, de acordo com

Hélio, era comum encontrar conhecidos pelas suas calçadas. O clima era de “calor humano”, em suas palavras, mas Curitiba já era, na época, bastante conservadora, o que também é levantado por outros entrevistados, como Luiz Renato Ribas (2024). Para Adherbal Fortes de Sá (2022), a princípio, o jornal foi acolhido pela cidade dita conservadora por conta da qualidade da cobertura jornalística, sobretudo esportivas, editoriais e colunas sociais, que “aproximavam o periódico do leitor curitibano”.

Havia uma marcante presença integralista na imprensa — em especial no Diário do Paraná — com forte influência política (Puglielli, 2024). Hélio cita Carlos Danilo Costa Côrtes, jornalista integralista que teria pressionado o reitor da época, Flávio Suplicy de Lacerda, a criar o curso de Comunicação Social na UFPR. Do outro lado, os nacionalistas, representantes da esquerda. Hélio não entra em detalhes quanto à representação desse último grupo.

A impressão é de que o apedrejamento da redação do *Última Hora* diz bastante sobre a capacidade de mobilização das massas conservadoras em Curitiba. Para o jornalista Luiz Geraldo Mazza, o empastelamento já era esperado. “Nós éramos ameaçados fisicamente e por mensagem, e isso ia acontecer” (Mazza, 2023). Sylvio Back também relaciona o atentado aos ataques por parte da população que comparava o jornal a um antro de “esquerdistas em Curitiba” (Back, 2024). De acordo com Adherbal Fortes (2022), participaram da manifestação cerca de 200 a 300 estudantes secundaristas do Colégio Marista Santa Maria, que teriam marchado às margens da Praça General Osório, em direção ao Edifício Asa, onde ficava localizada a redação do jornal, e atirado pedras. O depoimento de Miecislau Surek dá apoio ao relato de Adherbal:

Então, eu levei pedrada. Pelo vidro no edifício Asa. Era na sobreloja, a gente tinha o mezanino. Tinha um negócio todo. Tava lá o mezanino e eu recebia pedrada no rosto. Radicalismo dos caras, os padres que jogavam os alunos ali... Os maristas, para poder atacar os comunistas lá. (Surek, 2024)

Durante a ditadura militar, muitos jornalistas relataram uma associação entre o trabalho no *UH* e a perseguição política. Adherbal (2022) diz que, porque Castelo Branco foi o “menos autocrático dos ditadores, ninguém do *Última Hora* sofreu

violência, mas todos tiveram problemas”. O próprio foi proibido de atuar no serviço público, enquadrado pelo Ato Institucional n.º 2, que punia sujeitos considerados “inimigos da ordem, subversivos e comunistas” (Torres, 2019). Surek (2024) comenta que, por conta do seu trabalho na sucursal, acabou fichado pelo DOPS (Departamento de Ordem Política e Social). Ribas, por sua vez, cita o caso de Walmor Weiss, autor da coluna militar do UH Curitiba que, mesmo sem assiná-la, foi preso e torturado.

3. CONSIDERAÇÕES

A pesquisa confirma que o *Última Hora* desempenhou um papel fundamental na imprensa brasileira e curitibana, inovando em linguagem, visual e abordagem editorial. Seu fechamento em 1964 reflete as tensões políticas da época e a repressão contra a imprensa progressista. Além disso, sua história evidencia os desafios enfrentados por jornais que ousaram se posicionar contra as elites dominantes e os grupos conservadores.

A importância do *UH* vai além do episódio de apedrejamento que levou ao seu encerramento. Ele foi um marco na modernização do jornalismo brasileiro, promovendo avanços na diagramação, na abordagem narrativa e na inclusão de temáticas populares. Seu impacto pode ser visto na influência que exerceu sobre outras publicações e no legado deixado pelos jornalistas que passaram por suas redações. O jornal ajudou a definir um novo modelo de jornalismo voltado para a classe trabalhadora e as periferias urbanas, um formato que posteriormente influenciou outros veículos de comunicação no Brasil.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. *Imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

ALMEIDA JÚNIOR, José. *Última Hora*. Rio de Janeiro: Record, 2017.

BACK, Sylvio. Entrevista ao grupo de IC jornal Última Hora, Curitiba, 2024.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2016.

FERNANDES, José Carlos. Pedras no Última Hora, que pecado. *Gazeta do Povo*. Curitiba, 24 abr. 2014. Opinião, p. 3.

<Disponível: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/jose-carlos-fernandes/pedras-no-ultima-hora-que-pecado-8oqwsrivwe8yp12evgkis50oe/>>. Acessado: 04/05/2024.

FICO, Carlos. *Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GABEIRA, Fernando. *O que é isso, companheiro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HELLER, Milton Ivan. *Memórias de 1964 no Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2000.

HELLER, Milton Ivan. *Resistência democrática – a repressão no Paraná*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOHLFELDT, Antonio. BUCKUP, Carolina. *Última Hora: populismo nacionalista nas páginas de um jornal*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MAZZA, Luiz Geraldo. *Entrevista ao grupo de IC jornal Última Hora*, Curitiba, 2023.

MEDEIROS, Benício. *A rotativa parou! Os últimos dias da Última Hora de Samuel Wainer*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

MONTEIRO, Karla. **Samuel Wainer: o homem que estava lá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

PINHEIRO JÚNIOR, A. **A Última Hora (como ela era)**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011.

PEREIRA, Fernando Marcelino. **O Jornal Última Hora em Curitiba (1959-1964)**. Revista NEP, UFPR, 2016.

PUGLIELLI, Hélio. **Entrevista ao grupo de IC jornal Última Hora**, Curitiba, 2024.

RIBAS, Luiz Renato. SUREK, Mieczslau. **Entrevista ao grupo de IC jornal Última Hora**, Curitiba, 2024.

SÁ JÚNIOR, Adherbal Fortes de. **Curitiba no Tempo do Jazz Band**. Curitiba: Artes & Textos, 2017.

SÁ JÚNIOR, Adherbal Fortes de. *Entrevista ao grupo de IC jornal Última Hora*, Curitiba, 2022.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. *Um homem chamado Maria*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.



SCHMIDT, Walter. Entrevista ao grupo de IC jornal Última Hora, Curitiba, 2023.

TAVARES, Camilo. **O dia que durou 21 anos**. Produção: Pequi Filmes, 2012. (Longa-metragem).

WAINER, Samuel. **Minha razão de viver**: memórias de um repórter. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005.